

Em seguida lembra que os trabalhos históricos de Gilberto Freire procuram sempre mostrar a atuação dos lusos nas Zonas tropicais. Compara ainda aspectos de nossa diversidade com a mexicana, lembrando o trabalho de Simpson, "Many Mexicanos".

O professor Morse preocupa-se sempre em firmar à sua proposição inicial da diversificação e utiliza de maneira interessante e clara essa diversidade regional brasileira, baseando-se em trabalho do professor Manuel Diegues Junior onde este aborda o tema dividindo o Brasil em 7 regiões distintas.

Afirma, ainda à p. 164:

"For an understanding of Brazilian history however to determine the scale of regional diversity is less important than to recognize the configuration and interplay of the regions."

Baseado neste item Morse vai mostrando que existem, por outro lado, fatores significativos de coesão, nos capítulos de nossa história, sugerindo três pontos principais para se entender a complexidade da união brasileira:

"O primeiro, como Sérgio Buarque de Hollanda afirma, e como o oitocentista francês, o jesuíta Lafitau observou antes dele, a conquista da Espanha foi um acontecimento épico singular, baseado no designio imperial, elaborado na variedade dos episódios locais do México ao Rio Prata". Observa então as diferenças de orientação entre as coroas espanhola e portuguesa, enumerando inclusive a aparência urbana e a sua evolução no mundo português e no império espanhol.

Em seguida, estabelece os paralelos entre o Brasil-colônia, sua economia e sociedade e os vice-reinos espanhóis com as suas particularidades. Mostra que os diversos movimentos brasileiros, desde a ocupação do litoral até os bandeirantes e a defesa da terra contra estrangeiros é fator de coesão nacional.

A segunda fonte de coesão nacional, afirma, está na economia do Novo Mundo, tanto quanto na herança institucional do Velho Mundo.

Mostra então as relações comerciais internas e as relações com o mundo exterior, considerando que essas rotas internas estabelecidas desde o período colonial são fator de significação para o estabelecimento dessa coesão.

"O terceiro fator que constituiu para a coesão da nação", nos afirma Morse, "foi a natureza da liderança sob a qual o Brasil fez a transição para a independência e eventualmente para o governo republicano".

Faz então, da p. 170 a 172, uma análise do processo de nossa independência, abordando as diversas lideranças desde a vinda de D. João VI até os líderes republicanos.

É um estudo interessante e bem elaborado, apontando temas gerais de nossa História, baseado em bibliografia muito boa e mostrando aos estudiosos da História do Brasil, alguns pontos de vista do Historiador americano a respeito de nossa história. — J. S. WITTER.



GOULART, JOSE ALIPIO — O Mascate no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1967, 223 pp.

José Alípio Goulart apareceu no cenário literário brasileiro em 1956, quando era Conselheiro no Conselho Nacional do Serviço Social Rural, com a obra *Pesquisa de Padrão de vida no Brasil*. Em 1957 editou *Favelas do Distrito Federal*. Em 1959 lança mais dois trabalhos: *Transportes nos engenhos de açúcar* e *Metos e instrumentos de transportes no interior do Brasil*. Já em 1961 publica *Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil*. Em 1964, *O Cavalo na Formação do Brasil*, e logo em

seguida os dois volumes de *Brasil do Bot e do Couro* e ainda *O Ciclo do Ouro no Nordeste*.

A obra que agora apreciamos, *O Mascate no Brasil*, traz a data de 1967, sendo que na lista das obras do A. ainda constam, em preparo: *O Regatão: mascate fluvial da Amazônia*, e *O Cometa no interior do Brasil: estudo sobre o caixearia-viajante*. E finalmente, em fase de planejamento: *Vendedores ambulantes do Brasil colonial* e *Estudos sobre a escravidão no Brasil — série de volumes independentes*.

Por esta lista de títulos, vemos que nos 11 anos que separam a primeira obra de J. A. Goulart da sua última, o A. publicou nada menos que 8 trabalhos, estando em preparo mais uma série de 4 títulos. Como se pode deduzir, poucos são os estudiosos da nossa história que publicaram tantos livros num espaço tão curto de apenas uma década. Tamanha profusão se ajunta à variedade dos assuntos perseguidos, que variaram desde estudos sobre favelas, até sobre o papel do cavalo na formação do Brasil, passando por obras históricas, como estudos sobre a escravidão no Brasil, por exemplo.

Quanto à obra em apreço, seguindo a linha de suas antecessoras, se enquadra na categoria literária de ensaio. Trata-se de um ensaio de história social sobre os mercadores ambulantes no Brasil tradicional e nos dias atuais. Este tema não fora até então explorado, e o trabalho do A. foi pesquisas em arquivos e depoimentos dos viajantes e cronistas, assim como nas obras dos historiadores, sociólogos, romancistas e poetas que se referiram a tal personagem de nossa história. Logo no prólogo do livro o A. confessa: "Envidamos esforços em tratar o mascate com as ralas tintas que nos foi dado dispor, pôsto que nosso desejo fosse imprimir-lhe harmônicas e cintilantes cores. Resta-nos a dúvida sobre se a mediocridade da tela é resultante do material empregado ou da precariedade técnica e artística do pintor. O que nos consola, porém, é a certeza de termos trazido à luz, embora sem filigranas e até rudimentarmente, um esboço daquele tipo humano, vislumbrando-o na penumbra histórica que o envolve. Para tanto, entregamo-nos à tarefa como que de laboratorista, passando ao microscópio da indução com especial cuidado e redobrada atenção, as apagadas lâminas das informações, dos registros e dos documentos recolhidos, nêles tentado visualizar e deles procurando retirar contornos da interessante figura que nos propusemos tratar." (1)

A meu ver, o A. foi suficientemente realista para se dizer em dúvida sobre as razões da mediocridade dessa sua tela. A grande falha deste livro é a falta de definição precisa: quer ser ao mesmo tempo história e estória. Longe de nós, pretender o hermetismo da ciência. Contudo, reputamos como tarefa fadada ao descredito de um público mais exigente de estudiosos, a tentativa realizada pelo A. de conjugar os resultado de sua paciente e demorada pesquisa e análise dos elementos coligidos em fontes primárias e secundárias, com uma maneira bem sua de expor os fatos com leveza de estilo, com encadeamentos de casualidades pitorescas ou mesmo anedóticas. Não se trata de afastar o bom estilo dos escritos dos cientistas: o que estamos criticando é o uso indiscriminado "das tintas do pintor com as lâminas do laboratorista", como faz o A. em seu trabalho. Apesar da acuidade do levantamento das fontes primárias e secundárias relativas ao Mascate no Brasil, não obstante os inúmeros documentos compilados nas 26 páginas finais do livro, e das 195 "notas" existentes no fim dos capítulos, temos que prevenir aos leitores que façam eles próprios a triagem das informações e interpretações que se afastam da pureza que as fontes bibliográficas possam oferecer ou sugerir.

A tese central do livro pode ser assim resumida: devido ao caráter disperso do povoamento no Brasil-Tradicional, o comércio sedentário nunca teve muito êxito, cabendo ao comércio itinerante, aos mercadores andejos, um importante papel econômico e social, "constituindo o mascate o mais ativo agente difusor de civilização".

(1) José Alípio Goulart, *O Mascate no Brasil*, E. cit., p. 15.

como de progresso." (2) Para entendermos a figura do mascate no Brasil tradicional, o autor discute antes tais temas: os germes da mascateação, o termo "Mascate", o mascate transmariño, o mascate urbano, a mascateação nas Minas, e finalmente, as relações entre o mascate e o fisco, e o elemento humano na mascateação.

A apresentação material da obra vem reforçar as dúvidas que se encontram no seu interior: a capa e ilustrações lembram os desenhos de livros infanto-juvenis. "O Mascate no Brasil" constitui o primeiro volume da coleção "Terra dos Papagaios", cujas outras publicações seguem a mesma linha de preocupações: Origem da Imoralidade no Brasil: história da formação do caráter nacional" e "O Regatão" — LUIZ MOTTA.



POPPINO, ROLLIE E. — *Feira de Santana*. Tradução de Arquimedes Pereira Guimarães. Bahia, Editora Itapuã, 1968, 328 pp.

Depois dos primeiros tempos da Colonização, período em que os centros urbanos se concentravam na sua grande maioria na orla litorânea, começam a surgir no interior do Brasil algumas cidades que favorecidas por fatores diversos se desenvolvem espantosamente. Gozando de uma posição geográfica privilegiada, estando muitas vezes situada na confluência de importantes vias de comunicação, possuem tais cidades um tipo especial de organização urbana, onde o comércio interno (inter-regional) será o grande responsável pelo desenvolvimento de tal centro populacional. Caruaru e Arcoverde em Pernambuco, Campina Grande na Paraíba, Juazeiro do Norte no Ceará, Sorocaba em São Paulo — dos séculos passados — são alguns exemplos de cidades interioranas onde uma estratégica posição geográfica contribuiu fortemente para o desenvolvimento da vida sócio-económica local.

Neste sentido, Feira de Santana aparece como o protótipo de um centro urbano onde a soma de tais fatores geográficos, sociais e económicos resultou numa configuração populacional muito significativa, tornando-se o ponto de convergência de maior importância no *hinterland* nordestino, o grande empório ou entreposto de toda esta região. O cognome de "Princesa do Sertão" bem representa sua real importância nesta área interiorana.

Reconhecendo que Feira de Santana se constitui como um ponto chave, um pólo de dominância face a uma enorme região tributária que regularmente afluí à sua feira semanal para as transações comerciais, o Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia — Columbia University elegeu tal Município para dar prosseguimento aos seus estudos de comunidades no estado da Bahia. H. W. Hutchinson, H. Harris e A. Leeds, membros desta equipe da Universidade de Colúmbia, fizeram estudos de comunidades bahianas que estariam no limite da Antropologia Social e da Sociologia. Rollie E. Poppino por seu turno, com seu livro *Feira de Santana*, acrescenta mais uma disciplina à série de tais monografias: seu trabalho é essencialmente obra de um historiógrafo.

O A. empreendeu sua pesquisa enquanto graduado do Departamento de História da Stanford University, constituindo tal obra a sua tese de Doutorado. Durante vários meses trabalhou na consulta dos Arquivos Municipais de Feira, nos Arquivos Públicos da Bahia e no Arquivo Nacional, assim como nas Bibliotecas Municipais, de Salvador e na Nacional do Rio de Janeiro. O levantamento junto às Coleções de Periódicos completam o quadro do material pesquisado.

O escopo da obra é estudar a evolução da história social desta região, desde o período colonial até o ano de 1950, em que terminou a pesquisa. (Como se observa,

(2) *Idem, ibidem*, p. 75.